A igualdade entre homem e mulher segundo a Bíblia

Philip B. Payne

2015 / 2023

Traduzido do inglês para o alemão

Tradução para o alemão: Hans-Jörg Ronsdorf

Com a gentil permissão de Philip Barton Payne

Revisão da edição alemã: Wolfgang Klöckner

Sulzberg, outubro de 2026

2ª edição revisada (1ª edição: julho de 2023)

Pedidos por e-mail

hj-ronsdorf@t-online.de

Por telefone: 08376 929643

Preço por livreto: 3,80 euros mais frete

www.hans-joerg-ronsdorf.de

ISBN 978-3-9820715-8-9

Sumário

1 Prefácio

Não é surpreendente que o tema de se o sexo faz diferença no Reino de Deus, na sociedade, na família e no casamento ainda seja discutido de forma emocional, mesmo no século XXI, entre cristãos confessionais e fiéis à Bíblia? Com tanta intensidade que se poderia pensar que se trata de uma verdade central do Evangelho ou da autoridade das Sagradas Escrituras. Antes de mais nada: homem e mulher são definitivamente diferentes. Sem dúvida. Mas é preciso esclarecer: cabe ao homem uma posição de liderança ou de primazia em relação à mulher? E daí decorre que as mulheres não podem ensinar nem liderar homens ou igrejas?

O fato é: igrejas e comunidades são constantemente confrontadas com este tema – a saber, sempre que mulheres e homens se reúnem. Nesse sentido, o tema não é secundário. Para uns, os homens têm a autoridade para liderar e ensinar. Para outros, não faz diferença qual é o sexo de uma pessoa. Praticar as duas visões numa mesma igreja é pouco ou nada possível. Portanto, precisamos voltar aos textos da Bíblia. Embora já tenhamos estado lá tantas vezes. E mesmo assim: façamos mais uma tentativa.

Philip B. Payne, teólogo e linguista, nos leva numa breve viagem pelas Escrituras. Foram as Escrituras que o fizeram mudar de pensamento neste tema. Leia por quê. Ele escreveu alguns livros sobre o assunto.[1] O livreto que você tem em mãos contém um artigo publicado em 2015 na revista *Priscilla Papers*[2]. No prefácio do autor para esta edição alemã (“Minha odisseia”), são abordadas algumas descobertas mais recentes.

O título deste livrinho deixa claro qual posição é defendida. Ele resume brevemente a ordem da criação igualitária: homem e mulher têm os mesmos direitos e a mesma responsabilidade. Toda desigualdade hierárquica entre os sexos é rejeitada como não bíblica, pois contradiz o Evangelho.

Chama a atenção: no mundo de língua inglesa foram publicados nos últimos anos livros de homens que antes defendiam a chamada visão complementarista de homem e mulher (veja os livros recomendados no final). Essa visão afirma que na igreja só os homens podem liderar e ensinar. Mas esses autores abandonaram completamente a visão complementarista. Para eles, a Bíblia é o único padrão. Eles não perguntaram o que agradaria à sociedade de hoje ou como se poderia bajular a cultura. Ao contrário, interrogaram e pesquisaram as Escrituras sempre de novo. O resultado foi unânime: a Bíblia ensina, sem "se" nem "mas", a igualdade entre homem e mulher. Em todos os aspectos. Em todo lugar. Em todo tempo. O segredo do Éden era que os dois sexos contribuem com suas diferentes forças: Eva complementa Adão, como parceira com os mesmos direitos e em pé de igualdade, naquilo que lhe falta. E, naturalmente, vice-versa.

Chegou a hora de pôr fim ao pensamento de uma hierarquia entre homem e mulher. Ele tem, é verdade, um colorido cristão, mas vem da cultura antiga e secular – ainda que durante séculos tenha sido apresentado como verdade bíblica. Em Cristo ele terminou definitivamente. A ordem da salvação por meio de Cristo restaurou a ordem original da criação e pôs fim a todas as discriminações sociais da Antiguidade até os nossos dias. Para sempre. Na igreja, na nova criação, a diferença entre os sexos já não é motivo de desvantagem, separação, superioridade ou subordinação. O mesmo vale para a diferença entre escravos e senhores ou entre judeus e não judeus. Todas as pessoas continuam sendo exatamente o que são. Mas na igreja essas características já não fazem diferença – ainda que, infelizmente, na sociedade, dependendo da cultura e do país, ainda façam até certo ponto.

Talvez você consiga acompanhar os pensamentos de Philip B. Payne sem preconceitos – mesmo que defenda e viva uma visão complementarista.

Eu também sou um daqueles que tiveram de mudar de opinião há poucos anos. Por causa de um estudo contínuo e intenso das Escrituras. Eu amo Jesus, amo a Bíblia e a estudo há quase 50 anos. Elaborei meu desenvolvimento num livro e reuni mais material numa página na internet, que pode ser baixado gratuitamente: www.frauen-vergebt-uns.de

Antes que Philip B. Payne tome a palavra: quase nenhum tema desperta tantas emoções e tão intensas. Cada um esteja, diante de Deus e de sua Palavra, "plenamente convicto em sua própria mente" (Romanos 14:5). Mas, evidentemente, a questão não é tão clara assim. Em alguns pontos é preciso fazer pressuposições, e estas levam então numa ou noutra direção. Por isso vale para todos o apelo de permanecer objetivos, ouvir, refletir, fundamentar bem os argumentos e não pensar em preto e branco onde é cinza – ou seja, onde não é inequívoco. Devemos nos orientar pelo testemunho global das Escrituras, e não apenas por dois ou três versículos.

Vem o dia em que ouviremos a verdade sobre este tema da boca do nosso Salvador e Deus. Alegro-me com isso. Então também teremos de prestar contas. O que então se mostrar errado já não poderemos reparar.

Hans-Jörg Ronsdorf, Augsburg, junho de 2023

2 Minha odisseia

A igreja em que cresci era liderada exclusivamente por homens. Mas minha principal preocupação era se eu teria a vida eterna. Quando confessei isso ao meu líder de jovens no Redwood Camp, em Mount Hermon, Califórnia, ele me pediu que lesse João 3:16 e depois perguntou se eu cria em Jesus. Eu disse: "Sim." Então ele perguntou: "Você terá a vida eterna?" Respondi: "Esse é o problema. Não sei." Ele disse: "Leia de novo." Seguiram-se as mesmas duas perguntas e as mesmas duas respostas minhas. Ele disse outra vez: "Leia de novo." Desta vez finalmente caiu a ficha: "Quem nele crê não perecerá, mas terá a vida eterna" – isso é uma promessa de Deus. Ajoelhei-me e orei: "Pai, perdoa-me por ter feito de ti um mentiroso, não crendo na tua promessa." Fui inundado pela alegria da certeza da fé, que nunca me deixou, porque se fundamenta numa promessa de Deus, que não pode mentir (Tito 1:2). Aprendi cedo como é importante que a Palavra escrita de Deus seja verdadeira e confiável.

Durante meu tempo com a Operação Mobilização (OM), na França, vi como Joel, um menino cego, foi transformado pela alegria quando confiou em Jesus. Em vez de estudar medicina, fui por 14 meses ao Japão com a organização missionária TEAM (The Evangelical Alliance Mission). Meu pastor, Kashioka Sensei, disse que o que os evangélicos no Japão mais precisavam era de alguém com doutorado em Novo Testamento – de preferência pela Universidade de Cambridge. Assim, depois de meus estudos na Trinity Evangelical Divinity School, nos EUA, comecei um doutorado em Cambridge. Minha tese tratava de uma objeção contra a inerrância das Sagradas Escrituras. Era a única para a qual minha formação no seminário não me dera resposta: a interpretação da parábola do semeador parece contraditória, pois diz tanto "a semente é a palavra" quanto "estes são os semeados". Descobri que essa aparente incoerência se deve a uma compreensão equivocada do verbo aramaico "semear". Em grego, o que é "semeado" é a semente. Em aramaico, em geral, é o solo que é semeado. "Estes são os semeados" compara, portanto, as pessoas com os diferentes tipos de solo que recebem a semente. Esse uso de "semeados" mostra que a interpretação da parábola do semeador foi traduzida do aramaico para o grego. A interpretação não pode, portanto, ter sido inventada pela igreja de língua grega e é assim uma prova de que remonta a Jesus. Essa descoberta foi publicada em New Testament Studies 26 (1979-80), p. 564-568.

Pouco depois de eu chegar a Cambridge, um professor afirmou: "Nenhuma passagem do Novo Testamento, desde que compreendida em seu contexto original, restringe o ministério das mulheres." Eu pensava que 1 Timóteo 2:12 proíbe as mulheres de ensinar homens e quase gritei: "Isso não é verdade!" Naquela noite li a Primeira Carta a Timóteo em grego e tentei encontrar a prova de que ele estava errado. Mas, depois de ter lido a carta em grego repetidas vezes durante mais de um mês, ficou claro para mim: praticamente cada frase dessa carta trata dos problemas mencionados na primeira seção a respeito dos falsos mestres. Além disso, a carta menciona como pessoas enganadas pelos falsos mestres exclusivamente mulheres. Nessa situação específica, é totalmente compreensível que Paulo proíba as mulheres de usurpar a autoridade de ensino. O texto de 1 Timóteo 2:12 e seu contexto histórico correspondem exatamente a instruções para uma crise que estava em curso naquela época na igreja de Éfeso.

Se se entende 1 Timóteo 2:12 como uma proibição geral de que mulheres ensinem homens, isso é extraordinariamente difícil de conciliar com o restante das Escrituras – especialmente com as cartas de Paulo. Paulo ordena repetidas vezes que "mulheres", "todos" ou "quem quer que seja" ensinem ou profetizem (1 Coríntios 11:5; 14:5,24,26,31,39; Colossenses 3:16; 1 Timóteo 3:1-2; Tito 2:3; 2 Timóteo 2:2; cf. Hebreus 3:1,12; 5:12). Paulo reconhece muitas mulheres que ensinaram homens (Romanos

16:1-12; Atos 18:1-7,26), entre elas Evódia, Síntique (Filipenses 4:2) e a avó de Timóteo, Loide, e sua mãe, Eunice (2 Timóteo 1:5), que ensinaram a Timóteo as Sagradas Escrituras "desde a infância" (2 Timóteo 3:15). Nada indica que esse ensino tenha cessado alguma vez. Lucas, colega de Paulo, escreve sobre as quatro filhas de Filipe, que profetizavam (Atos 21:8-9). A Grande Comissão de Jesus em Mateus 28:19-20 se dirige a toda a igreja (cf. Lucas 24:33,47-53), tanto a mulheres quanto a homens: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado." Deus revelou a Escritura inspirada até mesmo por meio de mulheres (Êxodo 15:21; Juízes 5:2-31; 1 Samuel 2:1-10; 25:24-31; Provérbios 31; Lucas 1:25,42-55). Tudo isso mostra: é muito improvável que Paulo tenha querido dizer em 1 Timóteo 2:12 uma proibição geral de que uma mulher ensine um homem – ou que o Espírito Santo tenha inspirado o versículo nesse sentido.

2.1 Quatro exemplos de novas descobertas

Mais tarde examinei também as outras passagens que, segundo minha suposição, restringem o ministério das mulheres. Ao fazer isso, ficou claro que eu também as havia entendido mal. Eis quatro exemplos, entre eles novas descobertas que fiz desde que, em 2015, foi publicado o artigo de síntese que vem a seguir neste livreto:

1) 1 Timóteo 2:15 não ensina que as mulheres são salvas por dar à luz filhos. Nos dois versículos anteriores, Paulo se refere a Gênesis 3:13, que trata do engano de Eva e de sua queda. Segue-se Gênesis 3:15: a "descendência da mulher" esmagará a cabeça da serpente. Em 1 Timóteo 2:15, Paulo menciona o mesmo remédio contra a Queda: "mas cada um será salvo por meio do (*dia*) nascimento (*tês teknogonias*)." A salvação está em nítido contraste com a referência anterior à Queda e se ajusta perfeitamente às condições que seguem: "se eles permanecerem na fé, no amor e na santidade". Só o sujeito "cada um" explica a mudança do verbo no singular ("será salvo") para o plural ("se eles … permanecerem"). Em todas as outras passagens das cartas de Paulo, "salvar" (*sôzô*) e as palavras aparentadas designam a salvação espiritual. Em 1 Coríntios 15:2, Paulo usa exatamente a mesma construção (passiva de *sôzô* + *dia* + genitivo) para indicar o meio da salvação: "salvos por meio do Evangelho". Além disso: todas as três ocorrências de *teknogonia* na literatura grega anterior a Paulo se referem ao nascimento de uma criança. Nenhuma se refere ao ato de dar à luz filhos em geral. "O nascimento" tem artigo. Na Primeira Carta a Timóteo aparece sessenta e uma vezes um artigo antes de um substantivo no singular. Cinquenta e cinco desses artigos designam claramente algo determinado, individual. Só um tem claramente sentido geral (1 Timóteo 4:8). *Por isso é natural entender "o nascimento" como referência a um nascimento determinado. Que nascimento é o meio da salvação? Só o nascimento de Jesus!*

Alguns se perguntam se os leitores de uma carta geral entenderiam essa alusão, mas não se trata de uma carta geral. Paulo escreveu essa carta especificamente "a Timóteo" (1:2), seu enviado bem formado. Isso é comprovado pelas muitas formas de tratamento "tu" (2ª pessoa do singular) em toda a carta: 1 Timóteo 1:3 (2x), 18 (3x), 19; 3:14 (2x), 15; 4:6 (4x), 7 (3x), 11 (2x), 12 (2x), 13, 14 (3x), 15 (3x), 16 (7x); 5:1 (2x), 3, 7, 11, 18, 19, 20, 21 (2x), 22 (4x), 23 (3x); 6:2 (2x), 11 (3x), 12 (4x), 13, 14, 17, 20 (2x). Timóteo era pregador (2 Coríntios 1:19), enviado de Paulo (1 Coríntios 4:17; 16:10; 1 Tessalonicenses 3:2,6; 1 e 2 Timóteo) e cooperador (Romanos 16:21), a quem Paulo, no primeiro versículo de muitas de suas cartas, designa como seu secretário. Ele escreveu a Segunda Carta aos Coríntios, as cartas aos Filipenses e aos Colossenses, a Primeira e a Segunda Carta aos Tessalonicenses, bem como a

Carta a Filemom. Timóteo certamente podia entender que "salvo por meio do nascimento", nesse contexto, se refere a Jesus.

2) A expressão idiomática grega para a fidelidade no casamento ocorre em duas formas: "marido de uma só mulher" (por exemplo, 1 Timóteo 3:2) e "mulher de um só marido" (por exemplo, 1 Timóteo 5:9). Mas, se o parceiro fiel também pudesse ser um homem, o uso grego exigia a forma "marido de uma só mulher". Timothy Friberg conta entre 7.500 e 8.000 formas gramaticalmente masculinas no Novo Testamento (quase uma por frase!) que ou têm de incluir mulheres ou podem incluí-las. João Crisóstomo entendeu isso. É o que mostra sua 11ª homilia sobre 1 Timóteo 3 (PG 62,545 ss.), onde ele escreve sobre 1 Timóteo 3:12: "Os diáconos devem ser maridos de uma só mulher. Isso também se deve dizer em relação às diaconisas." Embora Crisóstomo cresse que as mulheres são inferiores aos homens (NPNF1 12:151.4), ele reconheceu que a expressão idiomática grega "marido de uma só mulher" vale para mulheres tanto quanto para homens – assim como, entre nós, a palavra "monogamia". ***Consequentemente, a formulação "marido de uma só mulher" não exclui as mulheres do ofício de bispo (1 Timóteo 3:2), de presbítero (Tito 1:6) ou de diácono (1 Timóteo 3:12).***

3) Segundo Tito 2:3, as "presbíteras" devem se comportar como convém ao serviço no santuário e ... ser "mestras do bem". A formulação de Paulo se ajusta exatamente a "presbíteras". Não se deve, portanto, afirmar que a Bíblia não menciona presbíteras. A palavra para "presbíteras", *presbytidas*, é a mesma palavra usada mais tarde para proibir a nomeação de "presbíteras".[3] ***Paulo cunhou o termo "mestras do bem" (kalodidaskalous) para descrever as presbíteras.*** Em Tito 2:4-5 seguem exemplos do que as presbíteras devem ensinar. Essa enumeração naturalmente não é completa. Mas nada nesses versículos diz ou sugere que as presbíteras só podem ensinar mulheres mais jovens.

4) 1 Pedro 3:7 não tem verbo principal. Mas "igualmente" pressupõe que Pedro quis dizer "sujeitai-vos". Assim surge um paralelo com as três exortações anteriores à submissão:

"Sujeitai-vos a toda autoridade humana por causa do Senhor" (2:13)

"Servos, sujeitai-vos com todo o temor aos vossos senhores" (2:18)

"Mulheres, sujeitai-vos igualmente [homoiôs] aos vossos maridos" (3:1)

1 Pedro 3:7 ordena, portanto: "Maridos, sujeitai-vos igualmente [*homoiôs*] às vossas mulheres, vivendo com elas com compreensão, reconhecendo-as como vaso feminino mais frágil [BDAG 208, *gynaikeios*, 'feminino', o que, em ligação com 'coerdeiras', sugere que ela é preciosa] e cumulando-as de honra como coerdeiras do dom gracioso da vida, para que as vossas orações não sejam impedidas."

Durante muitos anos não publiquei minhas descobertas, porque temia que elas pudessem levar a divisões na igreja. Quando minha esposa e eu trabalhávamos como missionários da Evangelical Free Church no Japão, pedi ao Senhor que me deixasse claro se ele queria que eu publicasse minhas descobertas. Dentro de vinte e quatro horas depois dessa oração aconteceram três coisas: o presidente da Evangelical Free Church na América, A. T. Olson, pediu-me que publicasse meus resultados. O presidente da nossa associação de pastores pediu-me que escrevesse um artigo sobre mulheres na liderança da igreja. E chegou às minhas mãos um artigo de Douglas J. Moo.[4] Ali se diz, na p. 70, que a "suscetibilidade das mulheres ao engano as impede de participar do ensino público ... Há algumas atividades para as quais as mulheres, por natureza, não são adequadas." Essas claras respostas de oração me deram liberdade para responder a Moo num artigo.[5] Inúmeras pessoas me testemunharam que minhas publicações libertaram mulheres para um ministério frutífero. A isso se soma a aprovação de es-

tudiosos do mundo inteiro e de muitas tradições cristãs. Tudo isso me confirmou de forma mais do que clara: Deus de fato me levou a publicar.

Cinquenta anos de pesquisa depois, ainda não encontrei nenhuma passagem no texto original das Sagradas Escrituras que restrinja o ministério das mulheres. Minhas pesquisas fortaleceram minha confiança de que a Bíblia é inerrante em tudo o que ensina. A Bíblia, e não a nossa cultura, é a nossa autoridade.

2.2 A igualdade entre homens e mulheres é importante?

Muitas pessoas não levantaram objeções bíblicas contra a escravidão porque temiam que isso pudesse dividir a igreja. Mas a igreja reconhece agora que foi um erro terrível não combater a escravidão. Nós nos empenhamos pela reconciliação entre as raças e denunciamos a injustiça racista. Deus exige justiça também para as mulheres. ***Deus se opõe ao favoritismo que está contido em toda hierarquia entre os sexos. E ele se opõe à opressão das mulheres que essa hierarquia causou ao longo da história. Sim, portanto este não é um tema insignificante. Ele é importante para a evangelização, para o anúncio do Evangelho e para o avanço do Reino de Cristo. Além disso, ele afeta a maneira como tratamos os outros com amor e respeito, especialmente no casamento.***

Este tema é importante porque a Bíblia é a Palavra de Deus, que tem autoridade para todas as pessoas. A verdade vale o trabalho duro de uma análise cuidadosa. Traduções imprecisas da Bíblia e interpretações enganosas de certas passagens contribuíram para o abuso de mulheres. Isso levou, entre outras coisas, a que milhões de pessoas virassem as costas para a igreja. Outros milhões odeiam a Bíblia porque pensam, erroneamente, que a Bíblia subjuga as mulheres. Os muitos exemplos de mulheres que exerceram funções de liderança na Bíblia provam que Deus capacita mulheres para o ministério e as conduz ao ministério. Aqueles que restringem o ministério das mulheres fazem com que a igreja empobreça. Eles restringem o anúncio do Evangelho, se opõem à capacitação e ao chamado das mulheres pelo Espírito Santo e agem em contradição com os muitos princípios das Escrituras que expressam a igualdade de direitos entre homem e mulher.

3 A Bíblia ensina a igualdade[6] entre homem e mulher

A Bíblia é incoerente na questão dos sexos? Muitos estudiosos evangélicos muito respeitados creem que a Bíblia afirma tanto a igualdade entre os sexos quanto papéis distintos para os sexos, e que entre os dois existe uma tensão. Podemos chegar a uma posição bíblica coerente sem violentar o texto bíblico? É preciso sacrificar a boa exegese no altar da teologia sistemática? Certamente a boa exegese e a boa teologia sistemática andam de mãos dadas. Durante décadas lutei em oração com as aparentes contradições dos textos sobre o tema dos sexos e posso dizer honestamente que os próprios textos bíblicos mudaram minha compreensão. Da criação à nova criação, a mensagem bíblica sobre os sexos na igreja e no casamento afirma de forma constante a igualdade entre homem e mulher.

3.1 As mulheres no Antigo Testamento

3.1.1 A mulher na criação e depois da Queda

O livro de Gênesis mostra: Deus criou os seres humanos como sexos iguais, não sob a liderança do homem.[7] Ele ensina que homem e mulher foram igualmente criados à imagem de Deus e têm juntos o domínio sobre a terra (Gênesis 1:26-27). Sua igualdade não se limita à sua posição espiritual diante de

Deus, mas se estende também ao seu domínio sobre a terra. Deus abençoou o homem e a mulher e comissionou os dois no versículo 28: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai ... sobre todo animal que rasteja pela terra.”

A estrutura do relato da criação culmina na criação da mulher, que supre a necessidade do homem de uma parceira que lhe corresponda (2:18,20). O texto descreve que a mulher foi criada como *ʿezer kĕnegĕdô* do homem, literalmente: “uma força que lhe corresponde”. Infelizmente a palavra *ʿezer* é aqui muitas vezes traduzida por “ajudante” (em alemão, *Helfer*), o que em inglês ou em alemão implica um subordinado ou um servo. Na Bíblia, porém, *ʿezer* nunca significa “ajudante” no sentido de “servo”, mas descreve quase sempre Deus como salvador, força ou poder de seu povo.[8] O dicionário de referência do hebraico bíblico indica como significados bíblicos de *ʿezer* “ajuda, socorro, poder e força”, mas não “ajudante”.[9] Três vezes *ʿezer* descreve um protetor militar.[10] O contexto de nenhuma dessas passagens permite concluir que Deus ou a mulher, como *ʿezer*, seja subordinado ao homem.[11]

A segunda palavra, *kĕnegĕdô*, compõe-se de *kĕ* (como) + *negĕd* (diante de) + *ô* (ele) e significa “como diante dele”. *Nāgîd*, um substantivo aparentado com *negĕd*, designa a pessoa que está à frente e significa “aquele que foi declarado líder (por Javé)”.[12] Assim como ʿezer, também *kĕnegĕdô* designa antes um superior ou um igual do que um subordinado. Nada na expressão *ʿezer kĕnegĕdô* em Gênesis 2 indica que Deus criou a mulher como auxiliadora subordinada (em alemão, *Gehilfin*) do homem. Ao contrário: a expressão destaca a sua força. Ela é uma parceira do homem com os mesmos direitos e o salva da solidão. Ela é a sua contraparte: sua companheira e amiga, que o complementa no exercício do domínio sobre a terra. Ela o completa, para que juntos sejam fecundos e possam guardar a terra.

Também em outros pontos o relato da criação em Gênesis em parte alguma concede ao homem uma posição mais alta ou mais autoridade do que à mulher.[13] Ao contrário: ele sublinha constantemente a igualdade deles. Deus faz a mulher do lado do homem, e o homem reconhece: “Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne” (2:23), pois eles têm a mesma substância (2:21-23). “Pai e mãe” são mencionados lado a lado, sem diferença de posição (2:24). No casamento eles estão “unidos” e são “uma só carne” (2:24). Ambos estão nus e não sentem vergonha; compartilham a inocência moral (2:25). Juntos são tentados e transgridem o mandamento de Deus (3:6). Ambos percebem que estão nus e costuram coberturas para si (3:7). Ambos se escondem de Deus (3:8). Isso mostra: ambos se envergonham de ter desobedecido a Deus. Ambos empurram a culpa para longe de si (3:12-13). Deus se dirige diretamente a ambos e lhes anuncia as consequências concretas de seu pecado (3:9-13,16-19). Ambos são responsáveis por seus próprios atos. Gênesis 2–3 apresenta, portanto, a igualdade entre os sexos, e não uma “ordem da criação”[14] que confere aos homens autoridade sobre as mulheres.

O predomínio do homem sobre a mulher não está previsto no plano original de Deus. A primeira menção do domínio masculino se encontra em Gênesis 3:16, onde ele é apresentado como consequência direta da Queda: “Ele te governará.” Mesmo defensores proeminentes da hierarquia masculina admitem que isso “não é uma prescrição daquilo que deveria ser”.[15] Como qualquer outra consequência da Queda, é uma mudança para pior. Para conciliar isso com sua teoria de que o homem já é a cabeça desde a criação, os defensores da hierarquia afirmam: Gênesis 3:16 trataria da introdução de um domínio *sem amor*, e não do domínio masculino sobre as mulheres em geral.[16] O texto, porém, não diz que só o domínio masculino sem amor é consequência da Queda; ele diz que o próprio domínio masculino é consequência da Queda. Em Gênesis 3:16 está a palavra de longe mais frequente para “governar/dominar”. Ela não faz pensar, por si só, num mau governo. A palavra é usada até para o governo de Deus, que certamente não é um mau governo! Os dois grandes dicionários do hebraico bí-

blico analisam cada ocorrência dessa palavra no Antigo Testamento e não registram para ela nenhum sentido negativo.[17] Essa palavra não implica um mau governo, mas significa simplesmente "domínio". Como o domínio do homem sobre a mulher é ele mesmo uma consequência da Queda, o homem não pode ter dominado sobre a mulher antes da Queda. Mesmo nas melhores circunstâncias, o domínio do homem sobre a mulher tem uma consequência prática: tira-se da mulher a autoridade que Deus lhe conferiu na criação em pé de igualdade com o homem. Além disso, muitos homens, por causa de sua natureza caída, usaram sua posição de autoridade para abusar de mulheres. Cristo, a descendência da mulher, de quem Deus prometeu que esmagaria a cabeça da serpente (Gênesis 3:15), venceu a Queda.

Por isso não devemos promover as trágicas consequências da Queda, mas resistir a elas. Entre elas está também o domínio do homem sobre a mulher.

3.1.2 As mulheres no restante do Antigo Testamento

O Antigo Testamento enaltece muitas mulheres que lideraram homens, entre elas esposas e mães. Ele mostra mulheres que lideraram com a bênção de Deus. Em parte alguma sugere que o seu sexo as tornasse inaptas para isso. A profetisa Miriã é enviada por Deus para conduzir Israel (Miqueias 6:4; cf. Êxodo 15:20-21). Débora pertence aos juízes que "o SENHOR suscitou" e que "livraram Israel da mão de seus inimigos" (Juízes 2:16,18; 4:10,14,24; 5:1-31); ela era profetisa e a líder suprema de todo Israel (4:4-5). Ela, esposa e mãe (5:7), tinha autoridade para ordenar a Baraque, o comandante militar de Israel: "Vai!" (4:6,14), e ele foi. Eles trabalharam bem juntos, com autoridade compartilhada: ele como comandante militar, ela como comandante suprema. A rainha Ester tinha influência suficiente para provocar a destruição da casa de Hamã e de 75 000 inimigos dos judeus (Ester 7:1-10; 9:1-32). Junto com Mordecai, ela "escreveu com toda a autoridade … a ordem de Ester confirmou essas prescrições" (9:29-32). A Bíblia enaltece a rainha de Sabá (1 Reis 10:1-13; 2 Crônicas 9:1-12) e a rainha da Caldeia (Daniel 5:10-12). A palavra hebraica para "rainha" é simplesmente "rei" com uma terminação feminina. Apenas três pessoas com um título derivado da raiz de "rei" são, na Bíblia, exclusivamente elogiadas e nunca criticadas: essas três mulheres. Nos registros sobre os reis de Judá, as rainhas-mães, isto é, as mães dos reis, são sempre mencionadas ou citadas pelo nome (cf. Jeremias 13:18; 29:2; 2 Reis 24:15). Entre elas estavam Bate-Seba, que se sentava no trono (1 Reis 2:17-19), Maaca (1 Reis 15:2,10,13) e Neusta (2 Reis 24:8).

Quando o livro da Lei, que se julgava perdido, foi encontrado, os sacerdotes consultaram a respeito dele a profetisa Hulda e se submeteram à sua liderança espiritual. Os líderes de Israel, incluindo o rei, os anciãos, os profetas e o povo, aceitaram a palavra dela como revelada por Deus (2 Reis 22:14–23:3; 2 Crônicas 34:22-32). A liderança masculina de Israel obedeceu à Palavra de Deus que uma mulher havia pronunciado. Isso desencadeou provavelmente o maior avivamento da história de Israel (2 Reis 22:14–23:25; 2 Crônicas 34:29–35:19).

Nenhum texto do Antigo Testamento diz que Deus permitiu às mulheres tal autoridade política ou religiosa sobre homens apenas por causa de circunstâncias especiais. Tampouco esses casos são descritos em algum lugar como exceções a um princípio bíblico. É verdade que duas governantes de Israel foram más: Atalia (2 Reis 11:1-3; 2 Crônicas 22:10-12) e Jezabel (1 Reis 18:4). Mas a maioria dos reis de Israel também o foi. A Escritura não critica nem a elas nem a qualquer outra líder de Israel com o argumento de que a autoridade sobre homens não cabe a uma mulher. Em vez disso, o Antigo Testamento apresenta como normais mulheres em posições de liderança religiosa e política.

Só uma posição importante de liderança social ou religiosa as mulheres nunca ocuparam no Antigo Testamento: o sacerdócio. A razão é evidente: em alguns cultos pagãos, as sacerdotisas estavam ligadas à prostituição ou a ritos sexuais cultuais. Isso é proibido em Deuteronômio 23:17. Deus proibiu repetidas vezes ao seu povo dar sequer a aparência de seguir os costumes imorais dos povos vizinhos.[18] Sacerdotisas teriam dado exatamente essa aparência. O ideal do Antigo Testamento, porém, era que todo o povo de Israel fosse "um reino de sacerdotes e uma nação santa" (Êxodo 19:6). Isaías 61:6 prediz um tempo em que todo o povo de Deus será sacerdote: "Mas vós sereis chamados sacerdotes do SENHOR, e vos chamarão ministros de nosso Deus." Deus realizou o sacerdócio de todo o seu povo na igreja do Novo Testamento (1 Pedro 2:9).

Os profetas do Antigo Testamento anunciaram que Deus havia destinado às mulheres um papel profético maior. Moisés escreveu: "Tomara todo o povo do SENHOR fosse profeta, que o SENHOR lhes desse o seu Espírito!" (Números 11:29). Joel anunciou o propósito de Deus: "Derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão … Até sobre os meus servos, homens e mulheres, derramarei naqueles dias o meu Espírito" (Joel 2:28-29), uma promessa que se cumpriu no Pentecostes (Atos 2:14-21).

Deus usou mulheres até para a maior de todas as tarefas proféticas: por meio delas ele falou partes importantes da Escritura inspirada. Entre elas estão os cânticos de Miriã (Êxodo 15:21) e de Débora (Juízes 5:2-31) e a oração de Ana (1 Samuel 2:1-10). Também no Novo Testamento Deus falou dessa forma por meio de mulheres: no cântico de Isabel (Lucas 1:25,42-45) e no Magnificat de Maria, a primeira interpretação cristã das Sagradas Escrituras (Lucas 1:46-55). Deus, portanto, de modo algum excluiu as mulheres de liderar homens. Ao contrário: ele chamou mulheres tanto para tarefas de liderança seculares quanto espirituais.

3.2 Jesus e as mulheres

Jesus nos deu um exemplo com todas as suas palavras e ações: ele tratou as mulheres como iguais aos homens, nunca como subordinadas ou restritas em seu papel (Mateus 12:49-50; 15:38; 25:31-46; Marcos 3:34-35; Lucas 8:21; 11:27-28). O fato de ele tratar as mulheres como iguais em direitos contrariava os costumes jurídicos, sociais e religiosos de seu tempo. Em questões jurídicas nas quais os direitos das mulheres eram restritos, como, por exemplo, no adultério e no divórcio, ele tratou homens e mulheres da mesma forma. Numa sociedade que considerava as mulheres menos inteligentes e menos morais do que os homens, Jesus respeitou a inteligência e as capacidades espirituais das mulheres. Isso se vê nas grandes verdades espirituais que ele ensinou primeiro a mulheres, como à samaritana (João 4:10-26) e a Marta (João 11:25-26).

Numa cultura em que a formação religiosa de mulheres era malvista, Jesus encorajou mulheres a se tornarem suas discípulas. Quando, por exemplo, Maria "estava assentada aos pés do Senhor, a ouvir" – a postura e a posição de uma discípula –, Jesus a confirmou: "Maria escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada" (Lucas 10:38-42).[19] Há consenso geral de que, no tempo de Jesus, os discípulos eram formados para transmitir os ensinos de um rabino e que, em regra, eles mesmos se tornavam mestres. Os alunos dos rabinos, porém, eram sempre homens. Jesus ensinou tanto discípulos homens quanto discípulas mulheres. Isso indica sua intenção de fazer tanto de mulheres quanto de homens mestres da fé.

É verdade que Jesus escolheu apenas homens para o círculo original dos doze apóstolos. Eles tiveram na igreja primitiva um papel de liderança muito respeitado. Com isso ele excluiu as mulheres da lide-

rança da igreja? Não. A simples escolha de homens como apóstolos não exclui logicamente as mulheres da liderança da igreja, assim como a escolha de judeus livres como apóstolos não exclui gentios ou escravos da liderança da igreja. De qualquer modo, os dois líderes mais influentes da igreja primitiva foram Tiago, o irmão de Jesus (Atos 15:13; Gálatas 1:19),[20] e Paulo. Nenhum dos dois pertencia aos Doze, e ainda assim eram apóstolos – assim como uma mulher: Júnia.[21] Por que os Doze deveriam ser nosso único padrão para a liderança da igreja, se também outros apóstolos fora do círculo dos Doze ocupavam posições-chave na liderança da igreja?

Por que, então, Jesus escolheu para os doze apóstolos originais apenas homens e nenhuma mulher? O Novo Testamento não menciona suas razões. Mas provavelmente Jesus escolheu homens por dois motivos: para não causar escândalo e para criar uma correspondência simbólica. Se Jesus tivesse levado mulheres a encontros noturnos, sobretudo no deserto ou em lugares como o jardim do Getsêmani, isso teria despertado suspeitas morais – não só contra Jesus, mas também contra os Doze, de cuja integridade a igreja iria depender. Além disso, a nomeação de doze homens judeus livres por Jesus correspondia aos doze filhos ou tribos de Israel e reforçava o simbolismo da igreja como "novo ou renovado Israel". O fato de Jesus ter escolhido também discípulas (veja acima) mostra, além disso: com a escolha dos doze apóstolos homens ele não quis excluir as mulheres da liderança da igreja.

Jesus também não impediu que mulheres anunciassem o Evangelho a homens. A primeira missionária cristã foi uma mulher samaritana: "Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, em virtude do testemunho da mulher" (João 4:39; cf. 4:28-42). A primeira pessoa a quem o Cristo ressuscitado procurou foi Maria Madalena. A ela ele incumbiu de anunciar o Evangelho de sua ressurreição e de sua iminente ascensão a Deus, o Pai (João 20:14-18). Como "apóstolo" significa simplesmente "enviado", é apropriado dizer que Cristo a nomeou apóstola dos apóstolos. Cristo redefiniu a liderança: como liderança humilde e servidora (por exemplo, João 13:3-17). Uma liderança assim, a serviço de Cristo, é pelo menos tão apropriada para mulheres quanto para homens.

3.3 Paulo e as mulheres: defensor da igualdade

Paulo afirma a igualdade entre homem e mulher de três maneiras: ele menciona mulheres como cooperadoras que servem lado a lado com homens no ministério. Ele defende muitas verdades teológicas das quais decorre a igualdade entre homens e mulheres. E ele enfatiza essa igualdade de forma explícita.

3.3.1 As confirmações de Paulo a mulheres no ministério

Em Romanos 16:1-16, Paulo saúda muitas pessoas pelo nome. Dez delas ele designa como cooperadores no ministério cristão. Sete dessas dez pessoas são mulheres: Febe, "diaconisa da igreja de Cencreia" (16:1) e "dirigente[22] de muitos, inclusive de mim" (16:2); Júnia, "notável entre os apóstolos" (16:7)[23]; Prisca, "minha cooperadora em Cristo Jesus" (16:3; cf. Filipenses 4:3); e Maria, Trifena, Trifosa e Pérside, que trabalharam "com dedicação no Senhor" (16:6,12). Em 1 Coríntios 16:16, Paulo exorta os crentes a "se submeterem a todo cooperador". Em 1 Tessalonicenses 5:12, "os que trabalham entre vós" são designados como "os que vos presidem no Senhor e vos admoestam". Nunca é demais enfatizar que Paulo não enumera essas mulheres simplesmente como crentes, mas como líderes no ministério. Nessa passagem, Paulo saúda muitos crentes, mas designa apenas dez pessoas como líderes no ministério, e sete delas são mulheres. Os três homens são Áquila, Andrônico e Urbano. Os dois primeiros são mencionados junto com suas esposas, o que destaca a autoridade compartilhada entre eles. ***O fato de Paulo mencionar uma proporção tão alta de mulheres entre os líderes de uma comunidade***

pública é único em toda a história da literatura grega antiga. Isso indica que, na igreja primitiva, as mulheres exerciam liderança numa medida extraordinária para a cultura daquela época.

3.3.2 Da teologia de Paulo decorre a igualdade entre homem e mulher

Paulo confirma que homens e mulheres foram igualmente "criados à imagem de Deus" e estão igualmente "em Cristo". A eles foi confiado o domínio sobre a terra, e ambos receberam o mandato da criação e a bênção de Deus. Muitos princípios da sua teologia incluem necessariamente a igualdade deles: a liderança servidora, a "submissão mútua" na igreja e no casamento, a unidade do corpo de Cristo, o sacerdócio de todos os crentes, os dons do Espírito para todos, a liberdade em Cristo, o tempo do fim já iniciado, a nova criação e a afirmação de que em Cristo "não há diferença entre homem e mulher".[24]

3.3.3 A confirmação explícita de Paulo da igualdade entre homem e mulher

Em duas passagens (Gálatas 3:28 e 1 Coríntios 11:11), Paulo se pronuncia explicitamente a favor de que mulheres e homens tenham direitos iguais na vida da igreja.

Em Gálatas 2:11–3:28 ele enfatiza: quando um grupo social é tratado de forma desigual na igreja – também o grupo das mulheres –, isso contradiz o Evangelho. Ele denuncia os cristãos judeus, entre eles explicitamente o apóstolo Pedro. Eles não tratavam os cristãos gentios como iguais e chegavam até a se recusar a comer com eles. Paulo argumenta: os cristãos têm a sua identidade de redimidos somente em Cristo. Por isso contradiz o Evangelho distribuir posição ou privilégios na igreja segundo a origem, a riqueza ou o sexo: "Não há diferença entre judeus e gregos, não há diferença entre escravos e livres, não há diferença entre homens e mulheres, pois todos vós sois um em Cristo Jesus". Todas essas são categorias sociais, e "em Cristo Jesus" se refere à igreja. Portanto, Gálatas 3:28 se refere da forma mais evidente às relações sociais na igreja. O próprio Pedro se tornou mais tarde um exemplo de arrependimento e de mudança de mentalidade em relação a esse tratamento desigual de crentes: em 2 Pedro 3:15-16 ele fala do "nosso amado irmão Paulo" e confirma a sabedoria de "todas as suas cartas" como "Escritura".

Alguns dizem que essa passagem trata apenas de quem pode ser salvo e que ela não tem efeito sobre a vida na igreja. Mas eles entendem mal o que a passagem diz sobre a salvação e ignoram o contexto histórico e cultural, bem como as consequências do seu texto.[25] ***A passagem liga a salvação de forma inseparável à vida social na igreja.*** Como em todos os escritos de Paulo, a redenção em Cristo não pode ser separada da vida no corpo de Cristo, a igreja. Também o contexto cultural é importante: Gálatas 3:28 rejeita as ideias transmitidas por uma oração judaica diária. Nela, quem orava agradecia a Deus por não ter nascido gentio, escravo ou mulher. Pois esses grupos não tinham o privilégio de estudar a Lei. Quando Paulo rejeita essas distinções, decorre daí o contrário: todos esses grupos têm a mesma posição na vida prática da igreja – pois todos são um em Cristo.

Um paralelo próximo de Gálatas 3:28 é 1 Coríntios 11:11: "No entanto, no Senhor, nem a mulher é separada[26] do homem, nem o homem é separado da mulher." Paulo diz isso num contexto em que ele confirma: as mulheres, como os homens, podem dirigir as atividades mais importantes nas reuniões públicas da igreja – a oração (a dimensão vertical do culto) e a profecia (a dimensão horizontal do culto). A única condição é que, ao fazê-lo, não coloquem em questão nem o casamento nem a ética cristã.[27] Consequentemente, a afirmação de que homens e mulheres não estão separados "no Senhor" vale pelo menos para essas atividades de liderança na igreja. A primeira palavra do versículo, "no entanto", indica no grego que a frase seguinte é o ponto mais importante do texto. É verdade que Paulo exige para homens e mulheres um penteado diferente (11:14-15), para que o seu penteado não seja

entendido como sinal de imoralidade. Mas o seu ponto mais importante sobre o culto público é outro: ele rejeita enfaticamente qualquer separação por sexo em Cristo. Por isso ele aprova que tanto homens como mulheres dirijam o culto por meio da oração e da profecia.

3.3.4 As confirmações de Paulo da igualdade entre marido e mulher

Em 1 Coríntios 7, a sua exposição mais detalhada sobre o casamento, Paulo menciona, em doze questões diferentes, exatamente as mesmas condições, possibilidades, direitos e deveres para o homem e para a mulher. Em cada um desses pontos ele se dirige a homens e mulheres como iguais em direitos. Paulo usa repetidamente formulações simétricas e equilibradas para destacar essa igualdade. Os doze temas a seguir deixam isso claro: Paulo enfatiza que marido e mulher pertencem um ao outro (v. 2). Eles têm direitos conjugais mútuos (v. 3), autoridade mútua sobre o corpo do outro (v. 4) e deveres sexuais mútuos (v. 5). Ambos são exortados a não se separar nem se divorciar (v. 10-13). Ambos santificam o outro e os seus filhos (v. 14). Ambos estão livres se o outro os abandona (v. 15). Ambos têm uma influência potencialmente salvadora sobre o outro (v. 16). Ambos estão livres para casar (v. 28). Ambos podem, como solteiros, concentrar-se em Cristo (v. 32 e 34b) ou, como casados, em agradar ao outro (v. 33-34a e 34c). Paulo chega a escrever: "O marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher" (7:4). Richard Hays constata com acerto o quanto isso era revolucionário: "Paulo oferece uma visão do casamento que rompe todos os padrões anteriores: uma relação em que os parceiros estão ligados um ao outro em submissão mútua."[28]

Algo semelhante acontece em Efésios 5:21-22: a submissão da mulher é explicitamente uma parte da submissão mútua. Ambos se submetem um ao outro de forma voluntária e em amor.[29] Paulo exorta tanto as esposas como os maridos a darem preferência um ao outro e a cuidarem um do outro. Cristo é o exemplo para todos os crentes, tanto para as esposas como para os maridos (5:2). O que Paulo quer dizer quando chama Cristo de "cabeça", ele mostra no versículo 23: ele equipara enfaticamente "cabeça" a "salvador" – "Cristo é a cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo."

O que Cristo faz como "salvador"? Paulo explica: "Cristo se entrega" pela igreja (5:25) e "a alimenta e dela cuida" (5:29). Isso mostra: Paulo usa "cabeça" no sentido grego comum de "fonte". Ele visa aqui Cristo como a fonte do amor e do sustento para a igreja.[30] Paulo exorta os maridos a seguirem, como "cabeça" de suas esposas, o exemplo de Cristo como "cabeça": eles devem amar, sustentar e valorizar suas esposas (5:25-29). Esse amor que valoriza e nutre motiva a submissão da mulher – não uma hierarquia de autoridade (5:23).

A Bíblia aprova que as mulheres liderem em casa. Paulo trata maridos e esposas da mesma forma em relação aos filhos (Efésios 6:1-2; Colossenses 3:20) e exorta as esposas a "governar a sua casa" (literalmente: "ser senhoras da casa", em grego: *oikodespoteo*, 1 Timóteo 5:14). Se isso não é liderança em casa, o que é então?

3.4 Paulo e as mulheres: defensor do patriarcado?

Embora Paulo confirme de muitas maneiras a igualdade entre os sexos, persiste teimosamente a ideia de que ele defende o domínio dos homens na igreja. Por quê, afinal? Em primeiro lugar, por causa das interpretações populares de umas poucas passagens: 1 Timóteo 2:12 ("Não permito que a mulher ensine, nem que exerça domínio sobre o homem"); 1 Timóteo 3 e Tito 1 (somente bispos do sexo masculino seriam prescritos); e 1 Coríntios 14:34-35 ("as mulheres estejam caladas nas igrejas"). A análise a

seguir desmascara os erros das interpretações correntes desses versículos e mostra que Paulo é um defensor coerente da igualdade entre os sexos.

3.4.1 1 Timóteo 2:12

1 Timóteo 2:12 proíbe as mulheres de ensinar ou de exercer autoridade sobre homens? Não, na verdade não. Paulo escreve em 1 Timóteo 2:11-12: "As mulheres devem aprender em toda a submissão. Não permito que uma mulher ensine e [em conexão com isso] se arrogue autoridade sobre um homem."[31] Gramaticalmente, a proibição se refere à situação existente naquela época. Nada no texto diz que ela deva valer de forma geral. O verbo na formulação "não permito" aponta mais para uma proibição vigente no momento do que para uma proibição universal – especialmente nesta forma gramatical: primeira pessoa, presente, indicativo.

O dicionário BDAG[32] (p. 150) define o significado do verbo-chave como "arrogar-se uma posição de autoridade independente". Na New International Version (revisão de 2011), ele é traduzido corretamente por "***arrogar-se autoridade***". Onde esse verbo está documentado com o significado "arrogar-se autoridade", trata-se sempre de uma apropriação não autorizada de autoridade. Nesse versículo não é usada a palavra padrão do Novo Testamento para "exercer autoridade". Mesmo o livro mais importante dos defensores da hierarquia, em sua análise dessa palavra-chave para a época de Paulo, não menciona nem "exercer autoridade" nem "ter autoridade" como significado possível – mas sim "arrogar-se autoridade".[33] Consequentemente, Paulo não proíbe as mulheres de exercer autoridade sobre homens. Antes, ele proíbe que mulheres se arroguem, sem autorização, autoridade sobre um homem. O motivo é a crise persistente causada pelos falsos ensinos em Éfeso.

Portanto, Paulo não proíbe duas coisas – que as mulheres ensinem e que se arroguem autoridade sobre homens. Ele proíbe apenas uma: que as mulheres se arroguem a autoridade de ensinar homens. Nesse versículo, o grego *oude* liga os dois elementos "ensinar" e "arrogar-se autoridade" para expressar uma única ideia. Isso é típico do uso que Paulo faz dessa conjunção.[34] Mas por que Paulo proíbe, nessa passagem, que as mulheres se arroguem a autoridade de ensinar homens? Ele apresenta duas razões.

Primeiro: quando mulheres, sem autorização da igreja, se arrogavam a autoridade de ensinar homens, isso era desrespeitoso para com os homens. Mas elas deveriam respeitá-los, pois o homem é a fonte da qual a mulher procede (2:13; cf. 1 Coríntios 11:8,11-12).

Segundo: algumas mulheres foram seduzidas por falsos mestres, de modo que seguiram a Satanás (2:14; cf. 5:13-15). Paulo já tinha proibido os falsos mestres de ensinar sem autorização (1:3). Aqui ele restringe as mulheres de maneira semelhante. Elas são ***o único grupo do qual Paulo diz que os falsos mestres o seduziram.***

Em 1 Timóteo 2:12, Paulo ***não*** proíbe que mulheres em Éfeso como Priscila (que, segundo 2 Timóteo 4:19, estava em Éfeso) assumam uma autoridade devidamente conferida ou reconhecida. Afinal, o livro de Atos menciona com aprovação que ela explicou a Apolo "mais exatamente o caminho de Deus" (Atos 18:26). Lucas e Paulo apresentam o casal, segundo o costume grego, com o nome do marido primeiro: Áquila e Priscila (Atos 18:2; 1 Coríntios 16:19). Mas em cada passagem sobre o seu ministério ativo eles mencionam – contra o costume grego – Priscila primeiro (Atos 18:18,26; Romanos 16:3). Isso torna praticamente certo que ela desempenhava um papel importante, se não o papel dominante, no ministério que exerciam juntos. Por isso não surpreende que Paulo, em suas duas listas mais longas de cooperadores (2 Timóteo 4:19-21 e Romanos 16:1-16), saúde Prisca em primeiro lugar. Ao fazê-lo, ele a

chama pela forma mais respeitosa do seu nome, que ele sempre usa. Algo semelhante acontece com Febe. Como enviada de Paulo, ela levou a carta aos Romanos (Romanos 16:1-2). Por isso, naturalmente, ela também respondia às perguntas dos cristãos romanos sobre essa carta. Ela foi, assim, a primeira intérprete da carta e, ao fazê-lo, ensinou também homens adultos. ***Tudo isso mostra: 1 Timóteo 2:12 de modo algum pode proibir mulheres como Priscila e Febe, que tinham uma autoridade reconhecida, de ensinar homens. O versículo apenas proíbe que mulheres sem autoridade reconhecida se arroguem a autoridade de ensinar um homem.***

3.4.2 Requisitos para bispos: 1 Timóteo 3 e Tito 1

Paulo prescreve que todos os bispos devem ser homens? Pelo contrário: Paulo encoraja todo crente a aspirar a ser bispo: "Fiel é a palavra: todo aquele que aspira a ser bispo aspira a uma nobre tarefa" (1 Timóteo 3:1). ***No grego, "todo aquele" é uma palavra de gênero neutro. Isso significa: a porta está aberta tanto para mulheres como para homens.*** Será que Paulo encorajaria mulheres a aspirar a uma função que lhes é proibida? Paulo deixa claro que "todo aquele" continua sendo o sujeito do começo ao fim: ele repete "todo aquele" no versículo 5, e também na lista paralela de requisitos para bispos em Tito 1:6 o sujeito é "todo aquele". ***Diferentemente do que a maioria das traduções apresenta, no texto grego dos requisitos para líderes da igreja em 1 Timóteo 3:1-13 e Tito 1:5-9 não há um único pronome masculino.***

E o que dizer do fato de que, segundo 1 Timóteo 3:2,12 e Tito 1:6, os bispos devem ser "marido de uma só mulher"? Literalmente, o grego diz "homem de uma mulher". Nesse texto não se diz apenas "homem", mas "homem de uma mulher". A expressão inteira precisa ser entendida como uma locução. Alguns insistem em isolar a palavra "homem" e arrancá-la arbitrariamente do contexto. Disso deduzem uma nova exigência: todo bispo teria de ser "homem". Isso é tão absurdo quanto a afirmação: como "fugir do local do acidente" é crime, também "fugir" teria de ser crime. A maioria dos estudiosos, inclusive os defensores da hierarquia, entende "homem de uma mulher" no sentido de que polígamos ou homens sexualmente infiéis estão excluídos da função de bispo.[35]

Mesmo assim, alguns insistem em que essa passagem exclui, além disso, também as mulheres. Mas não se pode ler nessa locução um duplo significado: de um lado, a exclusão de polígamos; de outro, a exigência geral de que os bispos sejam homens. Isso não se justifica. Pela mesma lógica, a maioria dos outros requisitos de Paulo para bispos, que consistem em várias palavras, se tornaria absurda. Todos os bispos precisam ter uma "casa própria" com escravos e vários "filhos" com idade suficiente para "crer" e estar sujeitos "com todo o respeito"? ***Como em 1 Timóteo 3:11 são mencionadas as qualificações para diaconisas, a mesma expressão "homem de uma mulher" nos requisitos para diáconos em 3:12 não pode excluir mulheres.*** Por isso é arbitrário e injustificado ler em "homem de uma mulher" a exigência de que os bispos sejam do sexo masculino.[36]

No grego é simplesmente comum usar formas gramaticalmente masculinas quando se fala de um grupo composto de homens e mulheres.[37] Um excelente pastor e professor, que defende o patriarcado, constata: em toda a Bíblia, as proibições dirigidas a homens valem, em regra, também para as mulheres. Ele explica: "Como é geralmente reconhecido, … normas que usam uma linguagem de cunho masculino devem, em geral, ser interpretadas como incluindo os dois sexos – desde que nada fale em contrário."[38] A interpretação que Jesus faz de Deuteronômio 24 em Marcos 10:12 confirma isso. O princípio da monogamia, expresso em "homem de uma mulher", vale igualmente para homens e mulheres, assim como "não cobiçarás a mulher do teu próximo" (Êxodo 20:17) vale igualmente para um homem ou uma mulher que cobiça o cônjuge do próximo. Por isso, a tradução mais exata e mais literal

de “homem de uma mulher” é “***monogâmico***”. Essa tradução reproduz melhor o fato de que, no grego, as formas masculinas normalmente incluem os dois sexos. E ela acerta o significado natural dessa locução no versículo 12.

3.4.3 1 Coríntios 14:34-35

Portanto, 1 Timóteo 2 não proíbe todas as mulheres de ensinar ou de exercer autoridade sobre homens, e 1 Timóteo 3 e Tito 1 não proíbem as mulheres de serem presbíteras. Mas 1 Coríntios 14:34-35 ordena que as mulheres fiquem caladas na igreja? Sim. De fato, este é o único mandamento em toda a Bíblia de que as mulheres devem ficar caladas. A afirmação clara desses versículos é repetida três vezes – com a maior ênfase possível: “As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar ... é vergonhoso para uma mulher falar na igreja.” O versículo 35 proíbe até a uma mulher respeitada, uma esposa, a forma mais legítima pela qual uma mulher pode falar na igreja: fazer perguntas porque quer aprender alguma coisa. Com isso fica claro: a proibição vale para todo falar de todas as mulheres nas reuniões públicas da igreja. Não é uma restrição apenas limitada. Isso correspondia à visão corrente do mundo antigo, difundida entre judeus, gregos e romanos.[39] Mas como Paulo pode ser um defensor coerente da igualdade entre os sexos, se deu essa ordem? Isso torna Paulo – e a própria Bíblia – incoerente ou contraditório?

Esses versículos intrigam os estudiosos há séculos, já desde os primeiros Pais da Igreja. Pois eles contradizem expressamente as afirmações do mesmo capítulo de que “todos” podem ensinar e profetizar (v. 5, 24, 26, 31, cf. 39). Contradizem também 11:5-6, onde Paulo confirma que as mulheres profetizam – sem falar no fato de que Paulo também em outros lugares defende a igualdade entre os sexos. São intrigantes também porque o uso de “a lei” (14:34) é uma exceção. Em todos os outros lugares em que Paulo menciona “a lei”, ele cita o Antigo Testamento – mas aqui não. ***Ao contrário do que o versículo 34 afirma, a lei do Antigo Testamento em lugar nenhum ordena às mulheres que se submetam nas reuniões de culto, muito menos que fiquem caladas. Pelo contrário: várias vezes ela encoraja as mulheres a anunciar publicamente a palavra de Deus.*** Assim diz, por exemplo, Salmos 68:12 (segundo a numeração do texto hebraico): “O Senhor anunciou a palavra; as mulheres que a anunciam são uma grande multidão.” Como 1 Coríntios 14:34-35 contradiz o ensino bíblico em seu contexto imediato e em outros lugares, a proibição irrestrita de as mulheres falarem na igreja confundiu os leitores durante quase dois mil anos.

Muitos estudiosos consideram 1 Coríntios 14:34-35 um mandamento de Paulo. Para livrar Paulo (e a Bíblia) de contradições, propuseram uma infinidade de interpretações que deveriam restringir a tripla exigência de silêncio. Cada uma delas contradiz o significado claro do texto. Elas tentam limitar o falar proibido a um determinado tipo de fala, como, por exemplo, o julgamento de profecias, conversas que atrapalham, o falar em línguas, o ensino ou a profecia. Essas interpretações estreitas não combinam com o significado amplo das palavras “ficar calado” e “falar”, que estão no texto sem nenhuma restrição. Também não combinam com o exemplo de fala proibida mencionado no versículo 35: esposas que fazem perguntas porque querem aprender alguma coisa. Justamente esse tipo de fala, que o versículo 35 proíbe expressamente, as interpretações estreitas permitem! Consequentemente, o significado de “falar” não pode ser limitado a coisas como o julgamento de profecias, conversas que atrapalham, o falar em línguas, o ensino ou a profecia. ***Além disso, toda tentativa de restringir o falar proibido contradiz a exigência tripla (e, portanto, máxima) e irrestrita de silêncio nessa passagem.***

Todas as tentativas de restringir o falar proibido fracassam, portanto. Como, então, conciliar os versículos 34-35 com o fato de que Paulo, no mesmo capítulo e no capítulo 11, confirma várias vezes que as

mulheres podem profetizar, e com o fato de que ele também em outros lugares defende a igualdade entre os sexos? A melhor resposta resulta da descoberta de que esses versículos originalmente não pertenciam ao seu lugar atual, depois do versículo 33. Isso decorre dos manuscritos mais antigos. Em todos os manuscritos gregos do texto "ocidental", os versículos 34-35 estão depois do versículo 40.[40] Nos demais manuscritos, estão depois do versículo 33. Teria sido totalmente atípico e incomum para um copista deslocar esses versículos do versículo 33 para o versículo 40, ou vice-versa.

Em nenhum manuscrito das cartas de Paulo uma passagem de extensão comparável foi deslocada para tão longe sem motivo reconhecível. Comum, ao contrário, era o seguinte: quando um copista percebia que, ao copiar, tinha omitido por descuido uma palavra ou uma frase, ele acrescentava o texto na margem. No Codex Vaticanus há, por exemplo, vinte lugares no Evangelho de Mateus em que há texto na margem em antiga escrita uncial. Igualmente comum era um segundo passo: quem copiava um manuscrito do Novo Testamento inseria o texto que encontrava na margem no texto principal, no lugar onde, na sua opinião, ele se encaixava melhor. Assim também hoje uma secretária que redigita uma carta corrigida transfere as anotações da margem para o texto da carta. Esse costume é documentado pela edição Nestle-Aland 28: dezessete desses vinte textos marginais do Vaticanus estão no texto principal de praticamente todos os manuscritos de Mateus conservados. A chamada probabilidade transcricional – isto é, a pergunta sobre o que um copista mais provavelmente fez – fala, portanto, a favor do seguinte: alguém escreveu o mandamento de que as mulheres devem ficar caladas primeiro na margem de um manuscrito. Copistas posteriores o inseriram então no texto, ou depois do versículo 33, ou depois do versículo 40.[41] Por fim, já o bom senso diz que algo comum é mais provável do que algo tão extraordinário, para o qual não existe nenhum outro exemplo.

Como se trata de um texto marginal, o seu significado não é determinado pelo contexto, e a sua finalidade é mais difícil de reconhecer. Em especial, não sabemos se esse texto na margem afirma algo que Paulo confirma ou nega. Isso o torna, por natureza, uma base menos sólida para argumentos teológicos ou práticos. ***Talvez se trate da falsa profecia que Paulo tinha em mente quando, no contexto imediato, falou de "alguém que se considera profeta" (v. 37).*** Que Paulo tenha escrito 14:34-35 de próprio punho na margem é improvável. Pois, com a sua letra grande, uma margem comum não teria comportado tanto texto (Gálatas 6:11; 2 Tessalonicenses 3:17). No entanto, ele poderia ter instruído o seu escriba a escrever o texto na margem. Naquela época havia um consenso cultural esmagador: as mulheres não deveriam falar em público. Por isso quase qualquer leitor poderia ter escrito os versículos 34-35 na margem. Com isso ele teria querido impedir que a exortação repetida de Paulo, de que todos deveriam profetizar, valesse também para as mulheres. Quem escreveu essas palavras na margem, por que e quando, só podemos supor. Por isso é duvidoso que elas venham de Paulo – e, se vierem, se ele concorda com elas ou as rejeita. ***Por isso, esse mandamento de que as mulheres devem ficar caladas na igreja não deveria ser usado para fundamentar uma teologia ou uma prática eclesiástica normativas. De fato, o mais sensato para as traduções da Bíblia seria colocar essa nota marginal onde ela, com bastante certeza, tem a sua origem: na margem, de preferência numa nota de rodapé.***

Alguns podem se assustar ao ouvir que esses versículos deveriam ser colocados na margem. Temem que isso possa minar a confiança na confiabilidade do texto transmitido. Essa preocupação, porém, não tem fundamento. 1 Coríntios 14:34-35 é um caso único – o único lugar nas cartas de Paulo em que um bloco de texto tão grande aparece em manuscritos diferentes em lugares tão distantes um do outro, sem que haja para isso uma explicação plausível. As evidências manuscritas que aqui falam a favor de um texto marginal não justificam, portanto, classificar qualquer outra passagem das Sagradas Escrituras também como texto marginal.

A maioria dos estudiosos que sustentam a inerrância das Sagradas Escrituras[42] é da opinião de que algumas passagens originalmente não estavam no texto, embora estejam impressas em muitas Bíblias. A questão, portanto, não é se algum dia se devem colocar versículos na margem, mas se neste caso específico é justificado fazê-lo. Mesmo os defensores da hierarquia admitem que algumas passagens – também mais longas – não pertencem ao texto original. Entre elas está, por exemplo, a narrativa da mulher apanhada em adultério (João 7:53–8:11).[43] O mandamento de que as mulheres devem ficar caladas na igreja apresenta muitos pontos em comum com João 7:53–8:11, que indicam que ele também não pertence ao texto.[44] Para a suposição de que a passagem sobre o silêncio das mulheres foi acrescentada mais tarde há até mais evidências claras do que no caso da narrativa da adúltera.[45] Diante de todas essas evidências, não surpreende que, segundo J. A. Fitzmyer, ***"a maioria dos intérpretes atuais" considere 1 Coríntios 14:34-35 um acréscimo posterior. Entre eles estão também importantes críticos textuais evangélicos, como Gordon Fee***.[46]

Talvez Paulo tenha, afinal, instruído o seu escriba a escrever os versículos 34-35 na margem. Então as contradições entre esses versículos e o seu ensino mostram: ele provavelmente fez isso para registrar o conteúdo da falsa profecia que tinha em mente nas suas repreensões que vêm logo em seguida, nos versículos 36-37: "Porventura, a palavra de Deus se originou no meio de vós?" e "Se alguém se considera profeta ou inspirado, saiba que aquilo que vos escrevo é mandamento do Senhor". Seja quem for que escreveu o texto, e por quê: 1 Coríntios 14:34-35 foi escrito, com uma probabilidade que beira a certeza, primeiro na margem. E muito provavelmente é um acréscimo posterior de alguém que não Paulo. Por isso essa passagem é uma base duvidosa para proibir as mulheres de falar na igreja.

3.5 Conclusão

As afirmações das Sagradas Escrituras sobre a igualdade entre homens e mulheres, e as afirmações sobre mulheres chamadas por Deus para exercer autoridade ao lado de homens ou acima deles, são claras e numerosas. Quem tenta negar todas elas se parece com uma pessoa atingida por uma avalanche que pensa: "Vou desviar de cada pedra e de cada bloco de neve, um depois do outro. Nenhum vai me atingir." Não se pode escapar de uma avalanche como um todo. Do mesmo modo, não se pode desviar daquilo que as Sagradas Escrituras, no seu conjunto, dizem sobre a posição e a autoridade iguais, dadas por Deus, a homens e mulheres. A Bíblia ensina tanto homens como mulheres a exercer autoridade com humildade, assim como o Espírito os conduz e como Cristo ordenou. As evidências bíblicas da igualdade entre homens e mulheres na vida da igreja são incontestáveis. Essa igualdade não se mostra apenas nas passagens discutidas acima, que tratam expressamente de mulheres. Ela permeia cada passagem de "uns aos outros" e praticamente cada mandamento e cada encorajamento da Bíblia. As suas afirmações e histórias valem para todos nós, e Deus quer que vivamos de acordo com elas de todo o coração e sem reservas – sem medo de ultrapassar um limite, feito por seres humanos, para os papéis dos sexos, limite esse que é estranho ao ensino bíblico.

O autor

PHILIP B. PAYNE, PhD em Novo Testamento pela Universidade de Cambridge, é conhecido por suas pesquisas sobre a crítica textual do Novo Testamento, sobre as parábolas de Jesus e por seu livro *Man and Woman, One in Christ* (Zondervan, 2009). Ele lecionou na área de Novo Testamento nas seguintes instituições: University of Cambridge, Trinity Evangelical Divinity School, Gordon-Conwell Theological Seminary, Bethel Seminary e Fuller Seminary Northwest.



4 Livros recomendados

4.1 Livros em alemão

Alguns livros estão (atualmente) disponíveis apenas em sebos.

Bielefeld, Frauke. Die Sache mit der Rippe: Die himmlische Idee von den Geschlechtern. Asslar, 2007.

Bushnell, Katharine C. Wach auf Eva! Erkenne die biblische Wahrheit von Gottes ursprünglicher und unveränderter Absicht der vollen Gleichstellung der Frau. Pedidos: christian@rvbeese.de

Cunningham, Loren e David Joel Hamilton. Warum nicht! Frauen in christlich-kirchlichen Führungspositionen. Altensteig, 2014.

Haubeck, Wilfrid e Wolfgang Heinrichs (org.). Pastorinnen: Aspekte zu einem aktuellen Thema. Theologische Impulse. Witten: Bundes-Verlag, 2008.

Krüger, Hartmut. Frauen im Pietismus: Ihr Dienst – ihre Verantwortung – ihr Einfluss. Marburg: Francke, 2005.

Ronsdorf, Hans-Jörg. Frauen, vergebt uns! (Mulheres, perdoem-nos!) Was wir Männer wiedergutmachen müssen. Zur Rolle von Frau und Mann. 4.ª ed. 2023. www.hans-joerg-ronsdorf.de

Schirrmacher, Thomas. Paulus im Kampf gegen den Schleier. Nürnberg: VTR, 2002.

Schmalenbach, Hanna-Maria. Frausein zur Ehre Gottes – im Kontext verschiedener Kulturen. Schwarzenfeld: Neufeld, 2007.

Wunderli, Armin. "Ihm gegenüber": Gleichberechtigung in der Kirche und was die Bibel dazu (nicht) sagt. KSH.Digital, 2022.

4.2 Artigos em alemão

Jantsch, Torsten. "Die Frau soll Kontrolle über ihren Kopf ausüben (1Kor 11,10). Zum historischen, kulturellen und religiösen Hintergrund von 1Kor 11,2–16". p. 97–144 em: *Frauen, Männer, Engel: Perspektiven zu 1Kor 11,2–16*. Org. por Torsten Jantsch. Biblisch-Theologische Studien 152. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2015.

Herter, H. "Effeminatus". Col. 620–650 no vol. 4 (1959) do *Reallexikon für Antike und Christentum: Sachwörterbuch zur Auseinandersetzung des Christentums mit der antiken Welt*. *RAC.* 31 vols. Stuttgart: Anton Hiersemann, 1950–2021.

4.3 Livros em inglês

Barr, Beth Allison. *The Making of Biblical Womanhood: How the Subjugation of Women Became Gospel Truth*. Grand Rapids, MI: Baker, 2021.

Bartlett, Andrew. *Men and Women in Christ: Fresh Light from the Biblical Texts.* London: Inter-Varsity, 2019.

Bird, Michael F. *Bourgeois Babes, Bossy Wives, and Bobby Haircuts: A Case for Gender Equality in Ministry*. Fresh Perspectives on Women in Ministry. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2012.

Clouse, Bonnidell, and Robert G. Clouse, eds. *Women in Ministry: Four Views.* With contributions from Robert D. Culver, Susan Foh, Walter Liefeld & Alvera Mickelsen. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1989.

Dale, Felicity. *The Black Swan Effect: A Response to Gender Hierarchy in the Church*. n.p.: Kingdom Heart, 2014.

Epp, Eldon Jay. *Junia: The First Woman Apostle*. Minneapolis, MN: Fortress, 2005.

Fee, Gordon D. *The First Epistle to the Corinthians*. NICNT. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987, rev. ed. 2014.

Giles, Kevin. *Jesus and the Father: Modern Evangelicals Reinvent the Doctrine of the Trinity*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2006.

Gupta, Nijay K. *Tell Her Story: How Women Led, Taught, and Ministered in the Early Church*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2023.

Hill, Graham Joseph. *Holding Up Half the Sky: A Biblical Case for Women Leading and Teaching in the Church.* Eugene, OR: Cascade Books, 2020.

Lee, Dorothy A. *The Ministry of Women in the New Testament: Reclaiming the Biblical Vision for Church Leadership*. Grand Rapids, MI: Baker, 2021.

McKnight, Scot. *The Blue Parakeet: Rethinking How You Read the Bible*. 2nd ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2018.

Mickelsen, Alvera, ed. *Women, Authority & the Bible.* Downers Grove, IL: InterVarsity, 1986.

Osiek, Carolyn and Margaret Y. MacDonald with Janet H. Tulloch. *A Woman's Place: House Churches in Earliest Christianity*. Minneapolis, MN: Fortress, 2006.

Peppiatt, Lucy. *Rediscovering Scripture's Vision for Women: Fresh Perspectives on Disputed Texts*. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2019.

Peppiatt, Lucy. *Women and Worship at Corinth: Paul's Rhetorical Arguments in 1 Corinthians*. Eugene, OR: Cascade Books, 2015.

Payne, Philip B. *The Bible vs. Biblical Womanhood: How God's Word Consistently Affirms Gender Equality*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2023. 249 pages.

Payne, Philip B. *Man and Woman, One in Christ: An Exegetical and Theological Study of Paul's Letters.* Grand Rapids, MI: Zondervan, 2009. 511 pages.

Payne, Philip B., and Vince Huffaker. *Why Can't Women Do That? Breaking Down the Reasons Churches Put Men in Charge*. Boulder, CO: Vinati Press, 2021. 175 pages.

Pierce, Ronald W., Cynthia Long Westfall, and Christa L. McKirland, eds. *Discovering Biblical Equality: Biblical, Theological, Cultural & Practical Perspectives*. 3rd ed. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2021.

Williams, Terran. *How God Sees Women: The End of Patriarchy*. Cape Town, South Africa: Spiritual Bakery, 2022.

Witherington, Ben, III. *Women and the Genesis of Christianity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Witt, William G. Icons of Christ: *A Biblical and Systematic Theology for Women's Ordination*. Waco, TX: Baylor University Press, 2020.

4.4 Artigos em inglês

Davids, Peter H. "A Silent Witness in Marriage." Pages 224–238 in *Discovering Biblical Equality: Complementarity Without Hierarchy*. Edited by Ronald W. Pierce and Rebecca Merrill Groothuis. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004.

Giles, Kevin. "The Genesis of Confusion: How 'Complementarians' Have Corrupted Communication." *Priscilla Papers* 29, 1 (2015): 22–29.

Hugenberger, Gordon P. “Women in Church Office: Hermeneutics or Exegesis? A Survey of Approaches to 1 Tim 2:8–15.” *Journal of the Evangelical Theological Society* 35, 3 (September 1992): 341–360.

Kroeger, Catherine Clark. “The Classical Concept of *Head* as ‘Source’.” Pages 267–283 in Gretchen Gaebelein Hull, *Equal to Serve: Women and Men in the Church and Home.* Old Tappan, NJ: Revell, 1987.

Payne, Philip B. “1 Tim 2.12 and the Use of οὐδέ to Combine Two Elements to Express a Single Idea.” *New Testament Studies* 54, 2 (2008): 235–253. https://www.pbpayne.com/wp-admin/Payne2008NTS-oude1Tim2_12.pdf

Payne, Philip B. “The Authenticity of the Parable of the Sower and its Interpretation.” Pages 163–207 in *Gospel Perspectives: Studies of History and Tradition in the Four Gospels*. Edited by R. T. France and David Wenham. Sheffield: JSOT, 1980.

Payne, Philip B. “The Authenticity of the Parables of Jesus.” Pages 329–344 in *Gospel Perspectives II*. Edited by R. T. France and David Wenham. Sheffield: JSOT, 1981.

Payne, Philip B. “A Critique of Thomas R. Schreiner’s Review of Man and Woman, One in Christ.” https://www.pbpayne.com/a-critique-of-thomas-r-schreiners-review-of-man-and-woman-one-in-christ/

Payne, Philip B. “Critique of Vaticanus Distigme-obelos Denials.” https://www.pbpayne.com/critique-of-vaticanus-distigmeobelos-denials/

Payne, Philip B. “Fuldensis, Sigla for Variants in Vaticanus, and 1 Cor 14.34–5.” *New Testament Studies* 41 (1995): 240–262. https://www.pbpayne.com/wp-admin/Payne1995NTSFuldensis.pdf manuscript photographs https://www.pbpayne.com/wp-content/uploads/2023/03/Fuldensis-1-Cor-14–15-photosscaled.jpeg https://www.pbpayne.com/wp-content/uploads/2023/03/Vaticanus-1-Cor-14.33–36-Jn-7.52-8.12–13-photos-scaled.jpeg

Payne, Philip B. “The Interpretation of 1 Timothy 2:11–15: A Surrejoinder.” Pages 96–115 in Part II of *What Does the Scripture Teach About the Ordination of Women?* A study commissioned by the Committee on Ministerial Standing. Minneapolis, MN: The Evangelical Free Church of America, 1986. https://www.pbpayne.com/wp-content/uploads/2020/07/Payne-Moo-Surrejoinder-EFCA-Ministerial.pdf

Payne, Philip B. “Is 1 Corinthians 14:34–35 a Marginal Comment or a Quotation? A Response to Kirk MacGregor.” *Priscilla Papers* 33, 2 (Spring 2019): 24–30. https://www.pbpayne.com/wp-content/uploads/2021/10/Is-1-Cor-14.34-35-Marginal-Comment-or-Quotation.pdf

Payne, Philip B. “Libertarian Women in Ephesus: A Response to Douglas J. Moo’s Article, ‘1 Timothy 2:11–15: Meaning and Significance.’ ” *Trinity Journal* 2 (1981): 169–197.

Payne, Philip B. “Ms. 88 as Evidence for a Text Without 1 Cor 14.34–5.” *New Testament Studies* 44 (1998): 152–158. https://www.pbpayne.com/wp-admin/Payne1998NTSMS88.pdf

Payne, Philip B. “Οὐδέ Combining Two Elements to Convey a Single Idea and 1 Timothy 2:12: Further Insights.” Pages 24–34 in *Missing Voices*. Minneapolis: CBE International, 2015. https://www.pbpayne.com/wp-content/uploads/2015/07/Payne-OUDE-CBE-ETS-final.pdf

Payne, Philip B. “The Seeming Inconsistency of the Interpretation of the Parable of the Sower.” *New Testament Studies* 26 (1979–1980): 564–568.

Payne, Philip B. “The Text-Critical Function of the Umlauts in Vaticanus, with Special Attention to 1 Corinthians 14.34–35: A Response to J. Edward Miller.” *Journal for the Study of the New Testament* 27, 1 (2004): 105–112.

Payne, Philip B. “Vaticanus Distigme-obelos Symbols Marking Added Text Including 1 Corinthians 14.34–5.” *New Testament Studies* 63, 4 (October 2017): 604–625. https://www.cambridge.org/core/journals/new-testament-studies/article/vaticanus-distigmeobelos-symbols-markingadded-text-including-1-corinthians-14345/A5FC01A6E14A2A1CF1F514A9BF93C581

Payne, Philip B. “What About Headship? From Hierarchy to Equality.” Pages 140–161, 226–232 in *Mutual by Design: A Better Model for Christian Marriage*. Edited by Elizabeth Beyer. Minneapolis: CBE International, 2017. https://www.pbpayne.com/wp-content/uploads/2018/06/what-about-headship-ch7.pdf

Payne, Philip B. “What Does *Kephale* Mean in the New Testament? Response.” Pages 118–132 in *Women, Authority & the Bible.* Edited by Alvera Mickelsen. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1986.

Payne, Philip B. “Wild Hair and Gender Equality in 1 Corinthians 11:2–16.” *Priscilla Papers* 20, 3 (Summer 2006): 9–18. https://www.pbpayne.com/wp-admin/Payne2006PP1Cor11_2-16.pdf

Payne, Philip B. and Paul Canart. “Distigmai Matching the Original Ink of *Codex Vaticanus*: Do They Mark the Location of Textual Variants?” Pages 199–226 in *Le manuscrit B de la Bible (Vaticanus graecus 1209): Introduction au fac-similé, Actes du Colloque de Genève (11 juin 2001), Contributions supplémentaires*. Edited by Patrick Andrist. Lausanne, Switzerland: Éditions du Zèbre, 2009. https://www.pbpayne.com/wp-content/uploads/2010/07/HTB07_199_226.pdf

Payne, Philip B. and Paul Canart. “The Originality of Text-Critical Symbols in Codex Vaticanus.” *Novum Testamentum* 42, 2 (2000): 105–113. https://www.pbpayne.com/wp-admin/Payne2000NovT-Vaticanus_umlauts_1Cor14_34-35.pdf

Schmid, Ulrich. “Conceptualizing ‘Scribal’ Performances: Reader’s Notes.” Pages 49–64 in *The Textual History of the Greek New Testament: Changing Views in Contemporary Research*. Edited by Klaus Wachtel and Michael W. Holmes. Atlanta: SBL, 2011.

Spencer, Aída Besançon. “Leadership of Women in Crete and Macedonia as a Model for the Church.” *Priscilla Papers* 27, 4 (Autumn 2013): 5–15.

Thompson, Cynthia L. “Hairstyles, Head-coverings, and St. Paul: Portraits from Roman Corinth.” *Biblical Archaeologist* 51, 2 (June 1988): 99–115.

“Mulheres, perdoem-nos!” – O que nós, homens, precisamos reparar.

4.ª edição (julho de 2023), cerca de 300 páginas, brochura 13,80 €, pode ser encomendado em livrarias pelo ISBN 978-3-9820715-5-8 ou com o autor (em alemão):

hj-ronsdorf@t-online.de ou aqui: www.hans-joerg-ronsdorf.de



A versão resumida do livro “Mulheres, perdoem-nos!” (3.ª edição, 80 páginas) pode ser obtida em brochura por 3,80 € com o autor, e como e-book Kindle na Amazon por 2,90 € (em alemão). Mais em www.hans-joerg-ronsdorf.de.

VERSÃO RESUMIDA

MULHERES, PERDOEM-NOS!



HOMEM E MULHER NO CASAMENTO E NA IGREJA
CURTO. ESCLARECEDOR. ÚTIL.
HANS-JÖRG RONSDORF



Katharine C. Bushnell (1855–1946) foi uma serva de Deus corajosa e talentosa, que tinha feito do versículo “Tudo posso naquele que me fortalece” o lema da sua vida. Ela foi médica, missionária, embaixadora da cruz, reformadora, autora e palestrante, além de uma estudiosa brilhante e original, que falava sete línguas e dominava o grego antigo e o hebraico. Bushnell deixou a medicina para fazer aquilo que considerava um trabalho ainda mais importante, a saber, mudar as condições de vida degradantes das pessoas, assumindo um papel de liderança na Woman’s Christian Temperance Union (WCTU) do movimento de mulheres do século 19. A posição bíblica das mulheres era de grande importância para Bushnell, pois ela chegou à conclusão de que traduções equivocadas eram responsáveis pela submissão social e espiritual das mulheres. Em 1896 ela deixou a WCTU para dedicar os anos que lhe restavam à ta-

refa de escrever e transmitir a verdade bíblica do propósito original e inalterado de Deus: a plena igualdade da mulher.

Disponível em livrarias ou com o editor (em alemão): christian@rvbeese.de

---

Notas

1. Man and Woman, One in Christ: An Exegetical and Theological Study of Paul's Letters, 2009; Why Can't Women Do That? Breaking Down the Reasons Churches Put Men in Charge, 2021; The Bible vs. Biblical Womanhood: How God's Word Consistently Affirms Gender Equality, 2023 (veja também em "Livros recomendados", p. 46).
2. Vol 29, n.º 1, inverno de 2015.
3. Cânon XI do Concílio de Laodiceia, no século IV. Também em outras fontes extrabíblicas *presbytidas* designa mulheres que são presbíteras: nos apócrifos *Atos de Mateus (28)* e em inscrições dos séculos III e IV ("Angelos Epiktous Presbytidos" e "presbíteras", gynaikôn presbytidôn). Bernadette J. Brooten, Women Leaders in the Ancient Synagogue: Inscriptional Evidence and Background Issues (Mulheres em cargos de liderança na sinagoga antiga: evidências de inscrições e questões de fundo), BJS 36 (Atlanta: Scholars Press, 1982), p. 41–46, cita seis inscrições que mencionam presbíteras, por exemplo: "Aqui jaz Sara Ura, presbítera". Esses exemplos mostram que Paulo podia se referir a presbíteras e que houve presbíteras desde cedo na história da igreja. Cf. também Philip B. Payne, The Bible vs. Biblical Womanhood (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2023), p. 163–164.
4. "1 Timothy 2:11-15: Meaning and Significance", Trinity Journal 1 (1980), p. 62–83.
5. Philip B. Payne, "Libertarian Women in Ephesus: A Response to Douglas J. Moo's Article, '1 Timothy 2:11-15: Meaning and Significance'", Trinity Journal 2 (1981), p. 169–197.
6. ou igualdade de direitos, igualdade de posição, igualdade de valor
7. Philip B. Payne, Man and Woman, One in Christ (Grand Rapids: Zondervan, 2009), p. 41–54, mostra a fraqueza das tentativas de ler autoridade masculina em Gênesis 1–3.
8. Dezesseis vezes: Êxodo 18:4; Deuteronômio 33:7,26,29; Salmos 20:2; 33:20; 70:5; 89:19; 115:9,10,11; 121:1,2; 124:8; 146:5; Oseias 13:9. Para mais sobre o pano de fundo dessa expressão, veja Aída B. Spencer, Beyond the Curse: Women Called to Ministry (Grand Rapids: Baker, 1985), p. 23–29.
9. Ludwig Koehler, Walter Baumgartner e Johann Jakob Stamm, Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament (doravante *HALOT*), 5 vols. (Leiden: Brill, 1994–2000), 2 (1995): p. 811–812.
10. Isaías 30:5; Ezequiel 12:14; Daniel 11:34. Spencer, *Beyond the Curse*, p. 23–29, menciona outros detalhes.
11. Em oposição a Raymond C. Ortlund Jr., "Die Gleichheit von Mann und Frau und Das Hauptsein des Mannes – 1. Mose 1-3" (em alemão), em Die Rolle von Mann und Frau in der Bibel (Friedberg: 3L-Verlag, 2008), p. 115–137.
12. Ou "chefe, líder, príncipe ... oficial ... prefeito de uma cidade ... funcionário da corte ... chefe de família ... pessoa respeitada ... ministro do culto ... o sumo sacerdote ... supervisor ... dirigente ... o líder de Israel instituído por Javé", segundo HALOT 2:667-68. A palavra é usada para o governo de Saul, Davi e Salomão sobre Israel (1 Samuel 9:16; 13:14; 1 Reis 1:35).
13. Payne, Man and Woman, p. 41–54, critica as tentativas de enxergar autoridade masculina na criação.
14. ***Nada no livro de Gênesis ensina uma "ordem da criação" que dê ao homem autoridade sobre a mulher.*** Deus deu ao ser humano o domínio sobre as plantas e os animais criados antes dele. O fato de Deus entregar a liderança a alguém nascido depois se repete com frequência e contraria o costume do antigo Oriente do direito de primogenitura: Isaque sobre Ismael, Jacó sobre Esaú, José sobre seus irmãos mais velhos, Moisés sobre Arão, Davi sobre seus irmãos, e assim por diante. Quando Paulo fala de que a mulher procede do homem (1 Coríntios 11:8,12 e implicitamente em 1 Timóteo 2:13), ele o faz para mostrar o respeito que se deve à própria origem, seja ela mulher ou homem (1 Coríntios 11:3,12); cf. Payne, Man and Woman, p. 113–139, 402-50.
15. John Piper e Wayne Grudem, "Menschlichkeit, Verständlichkeit und Hoffnung - die Kontroverse und die Sache Christi" (em alemão), em Die Rolle von Mann und Frau, p. 493–520, aqui p. 502.
16. George W. Knight III afirma que isso seria "*domínio* de maneira autocrática e sem amor" ("Die Familie und die Gemeinde: Wie sollte biblisches Mannsein und Frausein in der Praxis aussehen?", em Die Rolle von Mann und Frau, p. 417–432); Piper e Grudem afirmam que isso seria "*domínio* caído", e não "condição de cabeça desejada por Deus" ("Menschlichkeit", p. 502), e Wayne Grudem fala "do tipo de domínio duro que é sugerido em Gênesis 3:16" (Evangelical Feminism and Biblical Truth [Sisters: Multnomah, 2004], p. 123, nota 45; cf. p. 40, 43). Grudem deveria saber que não se

pode chamar esse "domínio" de "duro" sem prova lexical. Pois duas páginas antes (p. 38, nota 27) ele mesmo admite um erro: tinha afirmado, sem prova lexical, que outra palavra do mesmo versículo significaria um "desejo hostil ou agressivo".

17. *HALOT* 2:647–48 e Francis Brown, S. R. Driver e Charles A. Briggs, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament* (Oxford: Clarendon, 1906), p. 605.
18. Por exemplo, Levítico 18:3; 20:23; Salmos 106:35.
19. Veja Richard Bauckham, *Gospel Women: Studies of the Named Women in the Gospels* (Grand Rapids: Eerdmans, 2002).
20. F. F. Bruce, The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary (2ª ed.; Grand Rapids: Eerdmans, 1952), p. 296, constata que as homilias pseudoclementinas designam Tiago "como 'bispo dos bispos' e dirigente tanto da igreja de Jerusalém quanto de todas as igrejas em toda parte que foram devidamente fundadas pela providência divina".
21. Paulo define um apóstolo como alguém que encontrou o Cristo ressuscitado (1 Coríntios 9:1; 15:8; Gálatas 1:1,15-17), recebeu a incumbência de anunciar o Evangelho e suporta as fadigas e os sofrimentos do trabalho missionário (Romanos 1:1-5; 1 Coríntios 1:1; 15:10; Júnia esteve presa com Paulo, Romanos 16:7). Esse trabalho dá fruto (1 Coríntios 9:1; 15:10) e é confirmado por "sinais, prodígios e poderes miraculosos" (2 Coríntios 12:11-12). Algumas traduções fazem disso, em Romanos 16:7, o nome masculino "Júnias". Mas as evidências falam, por esmagadora maioria, a favor do nome feminino "Júnia". ***Todos os testemunhos dignos de crédito do primeiro milênio da igreja veem unanimemente em Júnia uma mulher.*** Veja o excelente trabalho de Eldon J. Epp, Junia: The First Woman Apostle (Minneapolis: Fortress, 2005), p. 23–81.
22. A palavra grega ***prostatis*** ("dirigente") é composta das palavras para "à frente em posição" e "estar de pé". Todos os significados de palavras afins do Novo Testamento que entram em questão aqui se referem à liderança. "Ter interesse em", em Tito 3:8,14, não se aplica aqui. C. K. Barrett, The Epistle to the Romans (New York: Harper & Row, 1957), p. 283, se posiciona contra uma interpretação como "***patrona***", já que "Febe não pode ter estado nessa relação com Paulo (pois ele nasceu livre, Atos 22:28)." O NT, assim como a literatura grega em geral, normalmente expressa a ideia de "benfeitor" ou dos seus atos com outras palavras. Estas são compostas das palavras gregas comuns para "bom" e "ato". Cf. Lucas 22:25; Atos 4:9; 10:38; BDAG 405; LSJ 712; Payne, Man and Woman, p. 62–63.
23. Veja especialmente Epp, Junia, p. 23–44, 69–78, e Bauckham, Gospel Women, p. 165–186.
24. Veja a esse respeito Payne, Man and Woman, p. 69–76.
25. Payne, Man and Woman, p. 79–104, apresenta 42 razões no contexto cultural, histórico, teológico e literário de Gálatas 3:28 que mostram que esse texto não pode ser desvinculado da vida na igreja.
26. Os dicionários gregos de referência não sustentam a tradução "independente" (usada em algumas Bíblias). "Independente" também não expressa o contraste que "no entanto" exige. E a independência não é algo que valha de modo especial "no Senhor".
27. Veja Payne, Man and Woman, p. 113–215 e Philip B. Payne, "Wild Hair and Gender Equality in 1 Corinthians 11:2–16" (Cabelo solto e igualdade de gênero em 1 Coríntios 11:2-16), *Priscilla Papers* 20, n.º 3 (verão de 2006): p. 9–18.
28. Richard B. Hays, First Corinthians (Louisville: John Knox, 1997), p. 131.
29. Até o defensor da hierarquia George W. Knight III concorda com isso; veja "Ehemänner und Ehefrauen: Eine Parallele zu Christus und der Gemeinde – Epheser 5,21-33 und Kolosser 3,18-19" (em alemão), em Die Rolle von Mann und Frau, p. 203–220.
30. Payne, Man and Woman, p. 117–137, mostra que "fonte" era um significado corrente de "cabeça" (*kephale*) no grego, mas "autoridade" ou "líder", não.
31. Payne, Man and Woman, p. 319–397, defende a exatidão dessa tradução.
32. A Greek–English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature, 3.ª edição (BDAG).
33. Henry Scott Baldwin, "An Important Word: αὐθεντέω in 1 Timothy 2:12", em Women in the Church: An Analysis and Application of 1 Timothy 2:9-15 (org. Andreas J. Köstenberger e Thomas R. Schreiner; 2.ª ed.; Grand Rapids: Baker, 2005), p. 49–51. ***A ocorrência mais antiga em que a palavra de 2:12 significa claramente "exercer autoridade" data de cerca de 370 d.C. (Basílio, Cartas 69, linha 45). Na época de Paulo, ela podia significar ou "dominar" ou "arrogar-se uma autoridade" que não era reconhecida nem delegada. Payne, Man and Woman, p. 361–397, documenta as ocorrências e os significados desse verbo e o seu uso em 1 Timóteo 2:12.***
34. Philip B. Payne, "1 Tim 2:12 and the Use of οὐδέ to Combine Two Elements to Express a Single Idea", NTS 54 (2008): p. 235–253, e Philip B. Payne, "Οὐδέ Combining Two Elements to Convey a Single Idea: Further Insights", em Missing Voices: Broadening the discussion on men, women, and ministry (Minneapolis: Christians for Biblical Equality, 2014), p. 24–34.

35. Por exemplo, Crisóstomo, Homilia sobre 1 Timóteo 3:2; Grudem, Evangelical Feminism, p. 80, que cita Josefo e obras rabínicas. Grudem argumenta corretamente que "homem de uma mulher" "não tem a intenção de excluir um homem solteiro (como Jesus ou Paulo) de ser presbítero". Daí decorre necessariamente: "homem de uma mulher" não pode descrever todos os presbíteros. Isso contradiz a afirmação de Grudem (p. 263, nota 107) de que "homem de uma mulher" seria um requisito necessário para "todo" diácono e, por isso, excluiria as mulheres. Grudem acrescenta erroneamente "todo", embora no grego de 1 Timóteo 3:12 não exista tal palavra. Douglas J. Moo, "The Interpretation of 1 Timothy 2:11-15: A Rejoinder", TJ 2 NS (1981): p. 198–222, 211, admite que "homem de uma mulher" não precisa necessariamente "excluir do ofício homens ou mulheres solteiros ... seria ir longe demais afirmar que a expressão exclui claramente as mulheres". A sua afirmação seguinte, "ela indica que Paulo tinha homens em mente quando escreveu", porém, só é correta num sentido: Paulo pensava em excluir polígamos ou homens infiéis. Mas não pensava na exigência de que todos os bispos fossem homens. ***Thomas R. Schreiner***, "Philip Payne on Familiar Ground: A Review of Philip B. Payne, Man and Woman, One in Christ: An Exegetical and Theological Study of Paul's Letters", *Journal of Biblical Manhood and Womanhood* (primavera de 2010): p. 33–46, 35, admite: "***Os requisitos para presbíteros em 1 Timóteo 3:1-7 e Tito 1:6-9, incluindo a afirmação de que devem ser homens de uma só mulher, não excluem necessariamente, em si mesmos, que mulheres possam servir como presbíteras***."
36. Nada mais nessa lista tem duplo significado. Cf. Payne, Man and Woman, p. 445–459.
37. Por exemplo, com o mesmo sujeito, "todo aquele" (***tis***), como aqui: Marcos 8:34; 9:35; Lucas 9:23; 14:25-26; João 7:37-38; 9:31; 11:10; 12:26,26,47; 14:23; Romanos 8:9; 1 Coríntios 3:12-15; 3:17; 5:11; 8:3,10; 10:28; 14:24-25; 2 Coríntios 10:7; Gálatas 6:3-5; 2 Tessalonicenses 3:14; 1 Timóteo 5:8; 6:3-5; 2 Timóteo 2:21; Tiago 1:5-8; Apocalipse 3:20.
38. Gordon P. Hugenberger, "Women in Church Office: Hermeneutics or Exegesis? A Survey of Approaches to 1 Timothy 2:8–15", JETS 35, no. 3 (1992): p. 341–360, 360, nota 78.
39. Cf. Armin D. Baum, "Paul's Conflicting Statements on Female Public Speaking (1 Cor. 11:5) and Silence (1 Cor. 14:34-35): A New Suggestion", Tyndale Bulletin 65.2 (2014): p. 252–271.
40. Gordon D. Fee, The First Epistle to the Corinthians (rev. ed.; NICNT; Grand Rapids: Eerdmans, 2014), p. 699; incluindo Ambrosiaster, *por volta de* 375 d.C.
41. Esta é uma aplicação do princípio fundamental para determinar o texto original das Sagradas Escrituras, conhecido como o primeiro princípio de Bengel. Ele diz: "O texto que melhor explica o surgimento de todos os outros textos é, com toda a probabilidade, o texto original." Veja J. C. F. Steudel, ed., Gnomon of the New Testament by John Albert Bengel (trad. de James Bandinel; reimpressão Edinburgh: T. & T. Clark, 1858), vol. 1, p. 13–19.
42. Na Declaração de Chicago sobre a Inerrância Bíblica, artigo 10, lê-se: "Afirmamos que a inspiração, em sentido estrito, se aplica apenas ao texto autográfico da Escritura, que, na providência de Deus, pode ser determinado com grande exatidão a partir dos manuscritos disponíveis. Afirmamos ainda que as cópias e traduções da Sagrada Escritura são Palavra de Deus na medida em que reproduzem fielmente o original." De modo semelhante, o artigo 6 diz: "Afirmamos que toda a Sagrada Escritura e todas as suas partes, até as palavras do original, foram dadas por inspiração divina." Aqui, portanto, a inspiração é afirmada apenas para as palavras originais, não para acréscimos posteriores.
43. D. B. Wallace, "Reconsidering 'The Story of Jesus and the Adulteress Reconsidered'", NTS 39 (1993): p. 290–296; D. A. Carson, The Gospel according to John (PNTC; Grand Rapids: Eerdmans, 1991), p. 333, escreve: "Aqueles [manuscritos] que a [João 7:53–8:11] contêm apresentam uma frequência bastante alta de variantes textuais. ... A diversidade de posições confirma a inautenticidade dos versículos." O mesmo Carson, porém, de forma contraditória, chama a aplicação que Fee faz dos mesmos princípios a 1 Coríntios 14:34-35 de "fraca e especulativa": "'Silent in the Churches': On the Role of Women in 1 Corinthians 14:33b–36", em: Recovering Biblical Manhood and Womanhood, p. 140–153, aqui p. 142.
44. Em ambos os textos encontram-se, por exemplo: muitas variantes textuais, posições diferentes nos manuscritos, um uso de palavras atípico para o autor do livro, uma interrupção da linha de pensamento ou do tema, bem como sinais ou notas marginais que mostram que os copistas reconheceram um problema textual. Além disso, o manuscrito mais importante do Novo Testamento, o Codex Vaticanus, apresenta nos dois casos um sinal de variante textual – exatamente no lugar onde começa a respectiva passagem. Payne, Man and Woman, p. 232–256, explica essas características.
45. A passagem usa palavras deste capítulo num sentido estranho, não paulino. O texto contradiz o objetivo da instrução na igreja. A expressão "como também a lei o diz" não combina com a teologia nem com o estilo de Paulo. Ela submete um grupo social fraco (as mulheres), que Paulo em outros lugares defende. O vocabulário se parece com o do texto posterior de 1 Timóteo 2:11-15. Na primeira carta aos Coríntios, somente esses versículos são dirigidos a pessoas "nas igrejas". Além disso, a passagem combina com um motivo evidente para um acréscimo assim: fazer as mulheres se calarem. Payne, Man and Woman, p. 257–265, explica essas discrepâncias.

46. Joseph A. Fitzmyer, First Corinthians (New Haven: Yale, 2008), p. 500. Kim Haines-Eitzen, The Gendered Palimpsest: Women, Writing, and Representation in Early Christianity (New York: Oxford, 2012), p. 62, diz isso de “quase todos os estudiosos hoje”. Pelo menos sessenta e dois estudos textuais argumentam que se trata de um acréscimo posterior. Cf. Payne, Man and Woman, p. 226–227; as razões para isso, p. 225–267; Fee, First Corinthians, p. 780–792.